



A CARDIOPATIA CONGÊNITA FETAL E A INTERFACE COM O LUTO DA MATERNIDADE IDEALIZADA

Eixo Horizontal: EH3: SUBJETIVIDADE, SOFRIMENTO E URGÊNCIA SUBJETIVA

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Cristina Mendes Gigliotti Borsari; Roseli Chieco;

Os conflitos psicológicos durante a gestação ocorrem quando se identifica qualquer alteração durante os exames do feto. O diagnóstico da cardiopatia congênita fetal é um momento permeado por grande sentimento de frustração e insegurança, e negação da gestante, período em que se inicia o confronto interno entre o bebê imaginário e o bebê real. OBJETIVOS: identificar os aspectos emocionais da mãe de bebê com cardiopatia congênita e analisar a concepção das mães relacionada à maternidade idealizada e a maternidade real durante o período de hospitalização em UTI Pediátrica. METODOS: O presente estudo foi realizado na UTI Pediátrica Cardiológica do Hospital BP - A Beneficência Portuguesa de São Paulo nos meses de janeiro a junho de 2019. Foram realizadas entrevistas pela psicóloga assistencial hospitalar da unidade de internação, com as mães de bebês cardiopatas. As mães foram convidadas a participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O instrumento de pesquisa foi previamente elaborado com questões fechadas e abertas que permeiam a percepção da maternidade vivenciada. RESULTADOS: Participaram do estudo 28 mães de bebês com cardiopatia congênita. Do total todas relataram serem casadas e 5 mães tinham mais um filho vivo. A idade das mães variou entre 25 a 30 anos (6,7%), 31 a 35 anos (60%), 36 a 40 anos (26,6%), e acima de 40 anos (6,7%). Com relação ao diagnóstico da cardiopatia fetal foram encontrados 75% de Síndrome Hipoplásica do Coração Esquerdo, 10% de Desvio do Septo Atrioventricular, 10% de Transposição das Grandes artérias e 5% de Tetralogia de Fallot. As mães referiram gestação não planejada em 10% do total, contudo 100% das mães desejaram a gestação. A idade gestacional em que se descobriu a cardiopatia do bebê variou entre 20 a 24 semanas de gestação (64%), acima de 24 semanas de gestação (36%). A percepção dos sentimentos vivenciados na descoberta do diagnóstico as mães relataram aspectos negativos e de medo, ansiedade, insegurança e rejeição. O vínculo afetivo com o bebê rejeitado é construído após o nascimento e com as expectativas de possibilidade de tratamento cirúrgico para a cardiopatia. CONCLUSÃO: A maternidade vivenciada pelas mães de bebês cardiopatas no contexto hospitalar permeia aspectos emocionais negativos e de labilidade emocional. Depende muito da rede de apoio familiar fortalecida, da evolução do quadro clínico do bebê e das possibilidades de construção de um vínculo positivo afetivo do binômio mãe-bebê. O nascimento de um bebê cardiopata gera impacto emocional nas mães, sendo constatada a necessidade do acompanhamento psicológico, a fim de fortalecer o papel da mãe em seus cuidados de maternagem. No entanto, é essencial à postura do psicólogo de empatia com a mãe, oferecer acolhimento de seus sentimentos. Observou-se que as mães conseguiram aproximar-se dos filhos, de forma física e emocional, apresentando vínculo positivo e ressignificando a maternidade idealizada.